

Infohabitar, Ano X, n.º 485

Nota inicial:

O artigo que se edita esta semana corresponde a parte da intervenção do autor no Ciclo de Conferências: “Silêncio”, realizado em conjugação com a exposição de fotografia e de pintura de Alves Tê e Caterina Ponti, patente no Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã, sobre a temática “O Silêncio das Máquinas”, de 8 de maio a 29 de junho.

Este Ciclo de Conferências foi organizado pelo Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura (DECA) da Universidade da Beira Interior, nos dias 13 e 20 de maio de 2014, na sala de conferências do Museu de Lanifícios da UBI.

Organização: Ana Martins, Moreira Pinto e Susana Santos

O silêncio como base de projeto e quadro natural

António Baptista Coelho

O silêncio como base de preparação e de vital experimentação do espaço que se projecta e que, depois, se quer vivo

Falar um pouco sobre o **silêncio na arquitectura**, considerando esta, naturalmente, como conjunto articulado de espaços interiores, exteriores e de transição, com presença doméstica e urbana e importantes ligações com o bem-estar que deve caracterizar os nossos cenários de vivência, será, talvez, falar de uma qualidade arquitectónica que **acompanha e valoriza, seja, numa primeira linha, os respetivos atos de conceção** desses espaços e ambientes, que têm de se fazer sempre num relativo silêncio, de concentração e de diálogo íntimo com os diversos aspetos em que se fundamenta essa conceção, esse projeto, seja, um silêncio que, numa segunda linha, **embebe e caracteriza as primeiras vivências diretas desses espaços logo que recém-concluídos**, e atraentemente vazios e expetantes, produzindo-se, assim, imagens quase que estranha e eloquentemente silenciosas.

Produzem-se, assim, imagens que acabam por ser projetos feitos realidade, e daí ainda tão calmas, numa primeira apresentação real da obra, que é sempre única e estimulante, em termos de uma fruição íntima do resultado real desse projeto de arquitetura; e talvez daqui resulte boa parte da importância que se dá à ilustração fotográfica dessa primeira fase de obra concluída e de certo modo vazia dos seus posteriores e essenciais conteúdos vivenciais, sociais e conviviais.



Fig. 01: Centro das Artes Casa das Mudas, na Calheta, Madeira., Arq.º Paulo David

Temos, assim, o silêncio como base de preparação do espaço que se quer vivo e como uma espécie de condição de prova de fogo, individualmente sentida, de como resulta esse espaço, quando construído, uma prova caracterizada por uma certa disponibilidade desse espaço ser entendido, globalmente, como algo que apresenta um certo potencial de acolhimento, que depois será, ou não, comprovado, quando habitarmos esse espaço; e sendo que tudo isto, da fase de projeto à fase final de vivência preliminar da obra acabada, obriga a um quadro básico de silêncio, ou de silêncio preenchido pela boa música, por exemplo, e será sempre impossível num quadro marcado pelo ruído e pela desordem que está frequentemente associada ao ruído.

Talvez que por isso tantos amadores de fotografia, e tantos arquitetos, privilegiem os espaços vazios, desabitados e de certa forma silenciosos, não numa negação da sua essencial utilidade como quadros da vida humana nos seus mais

variados aspetos, mas sim numa facilitação da leitura global e, depois, mais detalhada desses espaços, quase uma sua apresentação prévia, quase um cenário mesmo cenário ainda que provisoriamente cenário, e afinal quase um verdadeiro desenho em escala natural e volume, um desenho que sempre nos traz novidades relativamente ao desenho em papel que o antecedeu; mas um desenho real que, tal como o desenho-desenho, obriga a uma sua leitura silenciosa, e cuidadosamente vagarosa, num vagar que também se liga ao silêncio e que provavelmente tem clara expressão nas calmas e sóbrias imagens a preto, branco e cinzentos.

O silêncio e o meio natural

Dito isto, que pretendia fazer, apenas, um enquadramento esquemático e global da matéria que aqui me proponho, mas que, tal como sempre acontece, foi tema que avançou por si próprio e que deixou outros caminhos de desenvolvimento, devo agora voltar atrás, ao meio natural, que é aquele onde fundamentamos os projetos de Arquitetura.

Salienta-se que nos sítios naturais ou expressivamente naturalizados, o silêncio é base de quase tudo e nem é silêncio, pensa-se **no silêncio natural e no silêncio na natureza**, marcado por sons naturais e que acabamos por considerar como integrando o silêncio; e esta é matéria interessante pois, entre muitos outros aspetos, um dos objetivos de uma boa arquitetura é proteger e servir o homem em termos de um seu conforto amplo, em termos de um adequado equilíbrio com as condições naturais e não será por acaso que está provado que o meio natural, o seu quadro ambiental e o sossego que o marca são aspetos essenciais no bem-estar humano, sendo por exemplo usados, objetivamente, no tratamento de determinados problemas de saúde e na suavização do tão conhecido stress urbano.

Temos então, assim, o silêncio como virtude natural que, conjuntamente com outras condições de conforto ambiental, procuramos proporcionar estrategicamente nas nossas casas, nas nossas vizinhanças urbanas e mesmo até, pontualmente, em determinados espaços urbanos mais intensos, onde é sempre possível e desejável que existam oportunidades de gozar um pouco de silêncio ou de significativa redução do ruído; e estas pequenas ilhas de calma, rodeadas de ruído e bulício urbano, serão tanto mais estimulantes, quanto mais associadas estiverem a condições naturais de estabelecimento dessa acalmia do ruído envolvente, sendo o contrário exemplificado por soluções muito condicionadas e associadas a instalações com essa finalidade específica.

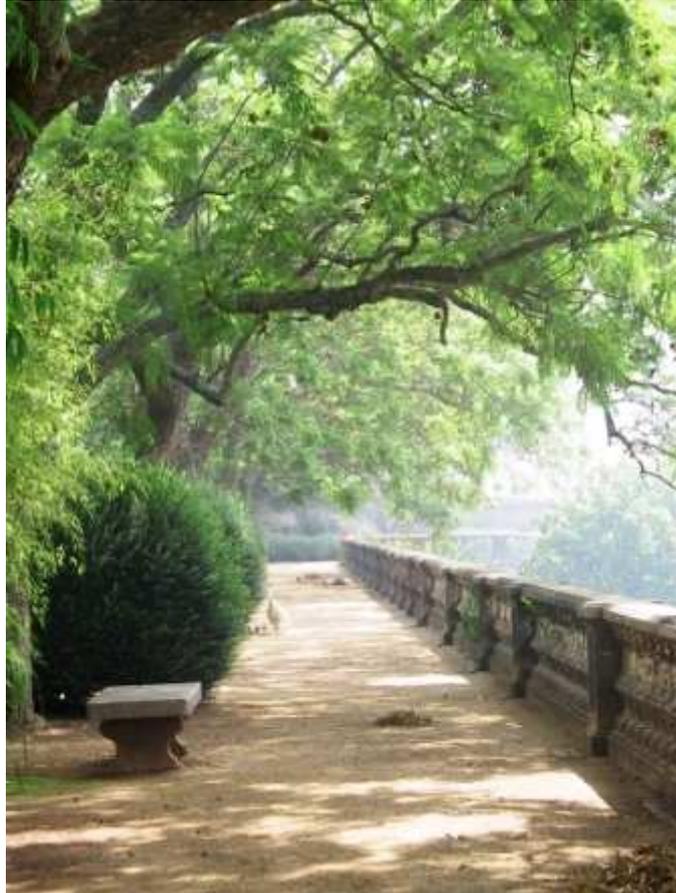


Fig. 02: os meios naturais ou expressivamente naturalizados são como que "geradores de silêncio"

E é interessante lembrar que os meios naturais ou expressivamente naturalizados são como que "geradores de silêncio", porque captam e amortecem os ruídos envolventes e próprios, porque produzem ruídos naturais de camuflagem, e porque associam condições de silêncio e conforto a vistas e quadros naturais, marcados pelo verde, pelas árvores e até pela água naturalizada.

De certa forma tais quadros naturais diretamente indutores de condições mais silenciosas e indiretamente associados a memórias de ambientes silenciosos, são, depois, ferramentas que o projetista deve usar quando projeta ou reprojeta arquitetura; naturalmente não de uma forma solta e por vezes cega, mas sim integrada nos diversos aspectos de conforto ambiental que tantas pontes comuns apresentam - aspectos acústicos, higrotêmicos e de conforto visual - uma integração que precisa, urgentemente, de avanços e de sínteses facilmente aplicáveis por não especialistas - e perdoem esta espécie de divagar técnico não muito adequado ao perfil da temática, ou será que é adequado e então estaremos numa reflexão extremamente sensível onde se tentam abordar, integradamente, aspectos mais objetivos e outros ainda considerados menos objetivos.

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Grupo Habitar (GH) - Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional

Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do LNEC

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação – Olivais-Norte

Infohabitar, Ano X, n.º 485, 25 de maio de 2014

Etiquetas: Arquitetura da UBI, Arquitetura na Covilhã, Ciclo de Conferências Silêncio, DECA da UBI, silêncio e arquitetura, UBI, Universidade da Beira Interior.